

# Ordem pede valorização do enfermeiro e revisão do projeto SIV

Representante da Ordem dos Enfermeiros nos Açores entende que o profissional SIV deve ser reconhecido pelo risco e penosidade da função

MIGUEL BETTENCOURT MOTA  
miguelmota@acorianooriental.pt

É preciso rever o projeto do serviço de Suporte Imediato de Vida (SIV) na Região, não só do ponto de vista da valorização do enfermeiro que o incorpora, como do seu próprio funcionamento. Isso mesmo defendeu em declarações a este jornal, o presidente da Secção Regional dos Açores da Ordem dos Enfermeiros (OE), que vê aquele serviço de socorro definir por falta de uma remuneração à altura dos riscos subjacentes.

“A nossa opinião é que o trabalho desses enfermeiros tem de ser reconhecido pelo risco e penosidade que acarreta; e a valorização remuneratória é um ponto fundamental para que essas pessoas permaneçam na função”, deu conta Luís Furtado.

O posto de trabalho SIV “passou a ser considerado em cada unidade básica de urgência e, como tal, integrado no venci-

mento e na carga horária que os enfermeiros estavam a auferir nas suas instituições de origem”, recordou o enfermeiro, manifestando a convicção de que o atual paradigma concorre para a não valorização da função. “Esta é uma mudança substancial das regras e que levou também à desistência de enfermeiros”, disse.

Depois, reforçou, “não há qualquer reconhecimento” dos riscos físicos e psicológicos a que estão sujeitos o enfermeiro e o bombeiro que saem em emergência nas viaturas SIV. “Todos estes fatores geram insatisfação e criam condições ótimas para que, de forma paulatina, e tal como aconteceu na Ribeira Grande, um serviço que até funcionava relativamente bem se vá deteriorando até a uma situação de rutura”, apontou o representante da Ordem dos Enfermeiros no Açores.

A 31 de agosto, recorde-se, o



ARQUIVO AOV/EDUARDO RESENDES

Luís Furtado diz também ser preciso rever o SIV nas ilhas pequenas

Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores (SRPCBA) não conseguiu garantir enfermeiros com formação adequada para trabalhar na viatura SIV, pelo que o serviço de socorro não se realizou em nenhum dos três turnos previstos.

Posteriormente, o mesmo problema voltou a verificar-se em outros pontos do arquipélago. Contactado pelo Açoriano Oriental, o SRPCBA explicou que a situação se deve ao facto de, neste momento, haver “um elevado número de enfermeiros com formação em suporte avançado de vida que se

encontram em situação de baixa”. Acrescenta, no entanto, que a situação está já “praticamente resolvida” e lembra que, na próxima semana, promove, em São Miguel, uma “formação em Suporte Avançado de Vida para novos elementos e também para recertificação dos elementos que já se encontram ao serviço”.

Este jornal questionou, entretanto, o presidente da Secção Regional dos Açores da OE sobre se faria sentido o projeto SIV caminhar no sentido de se tornar um serviço de socorro diferenciado suportado por um quadro profissional pró-

prio - com enfermeiros dedicados a tempo inteiro à função. Luís Furtado respondeu que um quadro profissional especializado faz apenas sentido quando há “possibilidade de assegurar casuística suficiente para as pessoas estarem continuamente expostas a um determinado conjunto de circunstâncias que lhes permita determinadas linhas de aprendizagem e manutenção constantes”.

Ora, indica o responsável que em determinadas “realidades SIV” na Região isso não é possível e sinaliza que a média de ativação do serviço nas ilhas do Faial e do Pico, em 2017, não chegou “a uma por dia”.

Luís Furtado advoga, por isso, que quer a oposição, quer o Governo Regional, olhem para “esta questão do SIV em ilhas pequenas, ou com pouca população, e que resultam em poucas ativações, como uma situação a rever urgentemente”.

Entende o enfermeiro que “nós não podemos dizer só às populações que elas têm uma viatura SIV e que estão mais seguras dessa forma”. E sustenta que é preciso “também reconhecer que, não havendo ativações suficientes, o exercício naquelas condições não é seguro, porque não confere casuística suficiente para assegurar uma prática segura”.

Considerando, naturalmente, que as ilhas mais pequenas devem estar salvaguardadas com serviços de saúde diferenciados, Luís Furtado não crê que o serviço SIV seja necessário em todas elas.

Atualmente, existem cinco veículos SIV na Região e estão a operar em Ponta Delgada, Ribeira Grande, e nas ilhas do Pico, Faial e Terceira. ♦